



Queda da temperatura

Martha Machado: aumentam as crises de bronquite asmática no inverno

Família abandona cortinas e tapetes para levar vida melhor

Simpatizante do sol, a estudante de odontologia Martha Machado Filinto da Silva, de 19 anos, sabe que, quando a temperatura cai, as crises de bronquite asmática chegam para valer.

Além da desagradável falta de ar e do chiado no peito, Martha aprendeu a associar o inverno a dias poluídos e a resfriados seguidos. "Não odeio inverno, até gosto do friozinho, mas todos esses problemas que vêm com ele me perturbam e fazem com que eu eleja o verão como estação preferida", conclui.

Inalação — Desde criança portadora de bronquite, Martha já recorreu algumas vezes a prontos-socorros para fazer inalação. Em casa, usa xarope quando está em crise. "Procuro sempre me alimentar bem e evitar resfriados, mas sei que no meu caso o grande vilão é o ar de São Paulo", reconhece.

Do mesmo mal sofrem os irmãos Leonardo, Tiago e Vítor Sanches da Silva, de 9, 7 e 6 anos, respectiva-

mente. "Eles têm crises desde quando eram bebês", conta sua mãe, a professora Célia Sanches da Silva. Por causa do problema, que atinge de forma mais séria o garoto mais velho, os meninos já chegaram a perder muitos dias de aula. "Partimos para um tratamento homeopático e agora eles estão reagindo melhor", diz Célia, que, ao lado do marido, também sofre de crises de bronquite. "No caso, o problema é hereditário", lembra.

Crises — A chegada do inverno sempre coloca a família Sanches Silva de sobrelivido: de maio até hoje, Leonardo já teve duas crises fortes de bronquite. A temperatura cai e Célia garante que já sente seu peito "fechar". Em casa, para evitar que o mal se desenvolva com a procriação de ácaros, a professora aboliu cortinas e tapetes e pede às visitas que só fumem no quintal. "A fumaça é péssima para todos nós", assegura.

Os dias de inverno, com a característica inversão térmica, são outro grande pro-

blema na casa de Célia. "É difícil combater a poeira, por mais que eu limpe os móveis e o chão", afirma. A poluição deixa em tudo um persistente pozinho escuro, que não cede fácil à limpeza. "Acabo de limpar, passo um pano e já está tudo preto de fuligem de novo", reclama. O tempo seco, segundo Célia, deixa as crianças também mais incomodadas. "O nariz resseca, elas reclamam e dizem se sentir mais sufocadas."

Além da sensibilidade ao ar frio, seco e poluído, os filhos de Célia têm alergia a pipoca, amendoim e chocolate. Em contrapartida, alimentam-se com muita fruta e sucos variados, como limão, laranja e maracujá. "Percebo que agora, maiores, as crianças têm menos resfriados do que o esperado; também se alimentam melhor e tiveram seu crescimento normalizado", afirma a professora.

Célia, segundo conta, resfria-se pouco também, mas o marido — apesar de se alimentar bem — é muito mais sensível às infecções viróticas. (M.L.P.)